



leitura em campo

Oficina de contação de histórias

31/03/2012

Realização



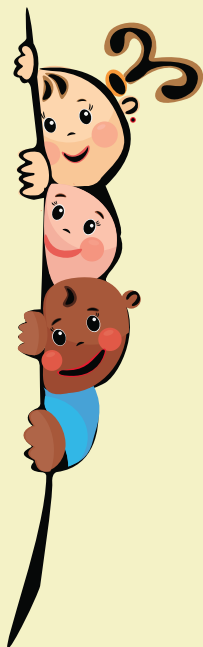
Parceria



Apoio



Apresentação



O projeto Leitura em Campo nasceu do desejo de formar cidadãos apaixonados por leitura, e para estimular e reconhecer o educador e a sua escola que, por meio da contação de histórias, encanta, instrui e orienta para a vida e para a cidadania. O objetivo é capacitar educadores da rede pública, a fim de reconhecer as mais criativas iniciativas de contação de história e incentivo à leitura.

O Leitura em Campo tem 3 etapas e ocorre simultaneamente em 4 cidades: Campinas, Salvador, Uberlândia e Uberaba. Cada uma delas receberá um acervo de cada um dos 3 livros que integram este projeto, perfazendo um total de 300 mil livros distribuídos.

A primeira das etapas é uma capacitação em contação de histórias, com duração de 8 horas. O educador será convidado a conhecer técnicas criativas, com recursos simples para transformar a contação de histórias em um momento de interação com o aluno e contato com emoções que facilitam a transmissão de conteúdo e conhecimento.

Depois disso, será estimulado a desenvolver projetos em sala de aula, com 3 livros da Fundação Educar DPaschoal: *Semente da verdade*, *A Gritadeira* e *Livro que não tinha fim*. Nesta etapa, o educador terá acesso a um ambiente virtual onde inscreverá seu projeto. Por meio deste canal, o contador de história que acompanhou a capacitação irá acompanhar cada etapa inscrita e dar dicas e sugestões para a aplicação do projeto.

O reconhecimento é a última etapa: escola e educador serão premiados! As escolas dos 3 primeiros lugares de cada cidade receberão um acervo bibliográfico. Confira os prêmios para os educadores:

- 1º lugar de cada cidade: 01 notebook + 01 mala com recursos para contar histórias;
- 2º lugar de cada cidade: 01 máquina fotográfica + 01 mala com recursos para contar histórias;
- 3º lugar de cada cidade: 01 mala com recursos para contar histórias.

O Leitura em Campo é para você, que acredita na capacidade de transformação de uma boa história.

Boa sorte!

Fundação Educar DPaschoal e Monsanto

Para saber mais: www.alemdoencantamento.org.br



Sumário

Introdução	2
A gritadeira	4
O livro que não tinha fim	9
A Semente da Verdade	14
Preparando-se para contar histórias	19
Contação de histórias	
A gritadeira	23
O livro que não tinha fim	26
A semente da verdade	29
Outras contribuições	
Construindo um Cineminha	31
Construindo um Palquinho de Papelão	33
Construindo um Cenário de Bonecos	35
Conduzindo uma Radionovela	36
Preparação para Dramatizações	37

Introdução



Querido professor:

Enquanto organizava este material de apoio para o nosso projeto, ficava imaginando como seria você. E me perguntava: *quais histórias alguém já terá contado para ele? Quais histórias vividas ele traz “no peito” e na lembrança até hoje? Adoraria ouvi-las.*

Confesso que por vários momentos também me perguntava sobre quais Anos e Ciclos de Aprendizagem você trabalha ou já trabalhou, de que forma você organiza seu planejamento didático, quais estratégias você desenvolve para administrar o contexto de sua aula, certamente multifacetado e diverso. E que talvez elucide dúvidas... *contar histórias?* Ou quem sabe certezas... *contar histórias!* Devo admitir que estas perguntas se passavam rapidamente na minha mente, minha curiosidade não me dava descanso: *e quais histórias vividas o professor traz no peito e na lembrança até hoje? Adoraria ouvi-las.*

E aqui estamos, próximos do universo do faz-de-conta que magicamente se torna tão real e inesquecível para nós. Que nos instala numa outra dimensão de tempo e espaço que nem percebemos e que nos faz um bem danado, sem qualquer pretensão. Simples.

E no cenário das certezas, *contar histórias!* convido você a vir comigo e com todos os colegas com quem estaremos. Tanto para descobrir e sentir, tanto para desejar proporcionar aos nossos alunos. Sim, sim, tanto o que estruturar, planejar, conhecer, compreender, aplicar, avaliar, adaptar. Pode deixar, manteremos os pés no chão.

Este material se propõe a ser um guia de ideias articuladas teoricamente e que irão estimular sua percepção e disposição para inserir ou ampliar o uso da narrativa no cotidiano das suas aulas. Compartilharei com você histórias já contadas por mim e iremos também trabalhar com três dimensões básicas – a linguística, a emocional e a cognitiva – que representam o efeito das histórias sobre nós, adultos e crianças. Efeitos importantes para o nosso

desenvolvimento. Ao trabalharmos didaticamente com estas dimensões neste material, estamos tentando colocar em câmera lenta um processo que acontece de forma muito articulada e concomitante nas nossas mentes, e que por ser rápido pode nos fazer perder algumas perspectivas. Este não será o nosso caso. Aproveitaremos tudo! E teremos acesso também a considerações valiosas de autores que escrevem sobre a arte de contar histórias, sobre a arte da palavra, sobre as diversas roupagens do palco da leitura.

Você vem?
Com carinho,
Sílvia Teles.



A gritadeira

(Sandra Aymone. Fundação Educar DPaschoal)



A mãe de Paulinha ganhou uma planta num vasinho na festa do trabalho e Paulinha se ofereceu para cuidar dela. Coisas normais como regar, colocar no sol, e por aí vai. E ela também se animou toda para dar um nome a ela. Só que o que Paulinha não sabia era que a plantinha falava e não parava enquanto não fosse ouvida. Repetia a mesma frase sempre alertando as pessoas sobre coisas que só você lendo a história para saber quais eram.

E deixando um tom de curiosidade no ar, apresentamos para você a dimensão linguística que é acionada quando ouvimos histórias. Essa dimensão pode se apresentar mais explicitamente nas histórias assim como compor um pano de fundo de um enredo. Você já leu alguma história, principalmente para os menores, em que há uma determinada fala que a personagem repete sistematicamente? Um poema, uma sequência de números, saudações, um diálogo? Ruth Rocha escreveu uma história chamada *Bom dia todas as cores!* em que um camaleão se encontra com as cores ao longo do dia e a saudação é sempre a mesma. Esta saudação se torna previsível ao longo da história permitindo que o leitor ao perceber que o camaleão se encontra com uma cor irá repetir o diálogo que teve com a cor anterior. Este é um exemplo de uma dimensão linguística que se apresenta de forma bem clara aos nossos olhos. E vejamos agora um exemplo em que esta dimensão está presente, porém de forma mais sutil. Recentemente ganhei um livro de segmento de obras de Clarice Lispector, *Clarice na cabeceira – romances*, organizado por José Castello. Posso lhe dizer que nunca havia lido um original de Clarice Lispector apesar de saber da magnitude da sua obra literária. Obra que ela própria concebia como uma ação visceral, a escrita, tão essencial para a nossa sobrevivência quanto beber água. Pois bem, estou na metade do livro e é simplesmente incrível absorver o desenrolar dos fatos e a construção das personagens. As palavras me ajudam a compreender as ideias, porque, enquanto leitora, a obra me instiga pelo conteúdo e não pela forma. Mas sei que são as palavras que me permitem absorver tudo isso, elas estão lá. E quanto mais leio mais adquirei formas rebuscadas

de compreender o que está escrito. As palavras me permitem ampliar minha representação mental das coisas, ampliar minha capacidade de abstrair, torno-me mais hábil para utilizar o pensamento complexo quando necessário.

Abordar o desenvolvimento da habilidade linguística de crianças de 06 a 10 anos remete a um encontro com diversos autores, alguns deles você provavelmente já conhece, a exemplo de Piaget, Vigotski, Feldman. Existem também diversos estudos empíricos na área de desenvolvimento infantil a exemplo de pesquisadores norteamericanos. Aqui sistematizo para você um conjunto de informações sobre desenvolvimento linguístico que podem funcionar como ferramentas e princípios que nos dão um sentido para contar histórias. Passamos a entender o estímulo linguístico que estamos proporcionado ao nosso aluno quando ele ouve histórias e desenvolve atividades a partir disso. Permita-me não focar em autores específicos ou abordar teorias detalhadamente, ofereço-lhe na última seção a bibliografia que consultei para montar este material. Inicialmente observe a Figura 1.

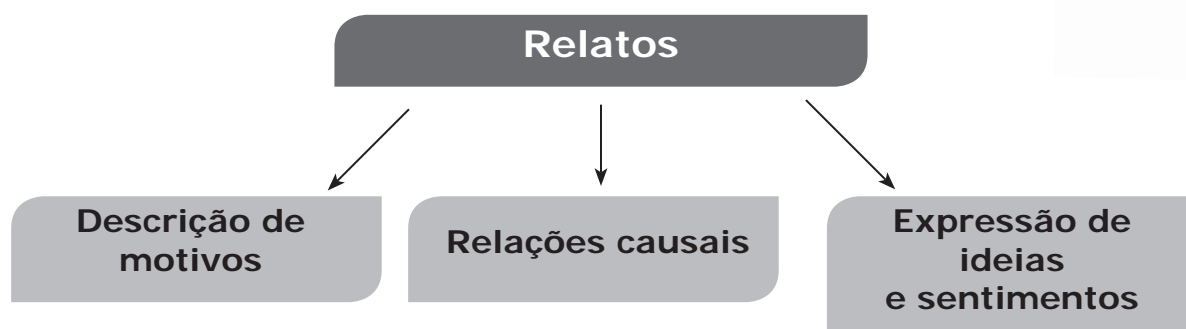


Figura 1: Relatos como recurso de expressão linguística do pensamento.

Ao observarmos o cotidiano das nossas aulas podemos observar que relatos diversos são um recurso frequente e útil no nosso planejamento e alcance de objetivos pedagógicos. Nossos alunos são frequentemente solicitados a relatarem experiências vividas, acontecimentos, contarem histórias. Os relatos tornam-se assim fontes de informação através das quais os alunos descrevem motivos, estabelecem relações causais entre fatos diversos, expressam ideias e sentimentos. E, por conta de uma maturação neurológica ao longo do seu desenvolvimento, eles conseguem atender às diversas solicitações: suas conexões cerebrais reforçam as funções sensoriais, a linguagem e a compreensão espacial. A partir dos 06 anos as crianças vão se tornando mais



aptas a entender a comunicação escrita, oral e fazer-se entender. Observa-se também um aumento progressivo do seu vocabulário e uso mais preciso de verbos. A linguagem escrita é percebida como meio de obter informações e a literatura e gêneros textuais diversos tornam-se recursos importantes neste contexto.

E vamos então colocar as **histórias** nesta perspectiva: elas são por si só uma unidade temática que transita no universo dos relatos, dos motivos, das relações causais, das ideias e dos sentimentos. E configuram um gênero textual de forte apelo contextual. Quando pegamos um livro somos levados a ver o título e a partir daí seremos absorvidos mentalmente pelo artefato que temos em mãos. Um simples exemplo dessa “absorção” é quando resolvemos dar um livro de presente a um amigo e vamos a uma livraria escolher qual livro comprar. A cada livro que olhamos e verificamos para ver se nosso amigo vai gostar fazemos isso: buscamos configurar o contexto – a trama, os personagens, o estilo – para decidirmos. Entramos e saímos desses contextos a cada livro que olhamos. E nessa escolha encontramos alguns livros que também gostaríamos de comprar para nós! E que magia nós professores conseguimos para guardar tantos livros?

Uma vez compreendida a dimensão linguística apresentada, é hora de nos voltarmos para a sala de aula e nossos alunos: é nesse espaço que as histórias também poderão ser um potente instrumento de estimulação linguística. Elas podem ser facilmente incluídas na nossa rotina de atividades que envolvam relatos, são por si só um atrativo para nossos alunos configurarem relações causais, ideias, sentimentos e motivos. E quando formos contá-las, podemos reforçar esta dimensão nas técnicas que escolhermos. E aqui vamos para o Quadro 1.

Essa história vai dar o que FALAR

Ao preparar a história, selecione palavras ou expressões que você considere relevantes. Ao contar, imprima uma entonação/ritmo diferente à(s) palavra(s) em questão: fale mais alto, mais baixo, mais lentamente, mais rapidamente, repita a palavra como se fosse parte do texto.

Quando perceber que os alunos já se familiarizaram, faça uma breve pausa antes de falar a palavra ou expressão. A prática tem mostrado que os alunos ao seu breve silêncio antecipam a situação e pronunciam a palavra ou expressão prevista pelo contexto da história. Cabe também fazer de conta que esqueceu a palavra/expressão em questão, gera o mesmo efeito.

Ao antecipar, na preparação da história, que seus alunos terão dificuldade para compreender alguma palavra ou expressão: mencione algo do tipo *“palavra difícil essa, hein!”*, *“esta palavra eu não conhecia, tive que olhar no dicionário!, sabe o que significa?”* e a partir daí você pode direcionar conforme técnicas 1 e 2 acima, se achar pertinente.

Visualização do que está sendo narrado:

Diga aos seus alunos algo como: *“agora vocês vão fechar os olhos e imaginar o que eu vou dizer”* (exemplo): *“Paulinha colocou a plantinha no quarto e quando saiu ela ouviu a plantinha gritando Sacola! Sacola! Sacola!”*. (pausa). Imaginaram? Pois é, e depois...” (continua a história).

Objetos ou figuras.

A depender da arte gráfica do livro que você estiver usando, siga a sequência da história e aponte para alguma figura que represente o que você quer dizer. Os alunos falarão por você.



Quadro 1: Técnicas para contar histórias reforçando aspectos linguísticos.

Creio que a partir das sugestões do Quadro 1, você poderá vislumbrar outras possibilidades a partir do princípio dos aspectos linguísticos. Com relação à técnica 4, gostaria de salientar que pode ser que seus alunos queiram te dizer como imaginaram a cena. Permita. Caso seja um grupo com necessidades específicas de estimulação para a oralidade, este será um momento precioso, talvez barulhento, e o que importa é que eles querem expressar o que imaginaram. E o seu objetivo é justamente estimular a linguagem não é?

Se a socialização das ideias tomar mais tempo do que o previsto, retome a história na aula seguinte, sem problemas. Alguns contadores de histórias recomendam que não haja interrupções no momento em que a história está sendo contada, pelo menos não na

primeira vez. Normalmente com crianças costumo dar um espaço para suas verbalizações à medida em que a história vai prosseguindo. Sugiro que você experimente das duas formas e veja qual melhor atende ao seu estilo ou contexto em que a história está sendo contada.

Ainda sobre a dimensão linguística aqui abordada, gostaria de articular algumas ideias com os Marcos de Aprendizagem da Língua Portuguesa previsto para o Ciclo I de Aprendizagem, conforme documento elaborado pela SECULT – CENAP. No Quadro 2 apresento alguns deles.

Língua Portuguesa – 1º e 2º Anos de escolarização

- Faz a leitura de textos apoiando-se nas ilustrações.
- Identifica o cenário, os objetos e as personagens do texto-fonte.
- Lê frases simples de textos trabalhados.
- Reconhecimento dos gêneros textuais que circulam socialmente, demonstrando interesse pela leitura

Quadro 2: Marcos de Aprendizagem associáveis à dimensão linguística.

É recomendado que o aluno faça a leitura de texto apoiando-se nas ilustrações e ao contar histórias utilize as figuras para que os alunos falem a respeito: identificando objetos, construindo a sequência da história a partir do desenho e socializando no grupo etc. Assim você também já estará estimulando a habilidade de identificação de cenário, objetos e personagens através do estímulo à verbalização do que está sendo visto. Com relação aos gêneros textuais a história *A Gritadeira* é direcionada à temática do consumo consciente e pode ser um ponto de partida para incursões na leitura de embalagens, rótulos, vasilhames, manuais etc. Na sua rotina de aulas, experimentando as técnicas em diferentes turmas, você terá a oportunidade de ver a resposta dos alunos ao que você propõe e poderá avaliar o que está funcionando, o que pode ser adaptado, alguma coisa que surja espontaneamente e que fique bacana também. Com isso o seu repertório vai aumentando, retroalimentando investidas futuras em outras histórias.



O livro que não tinha fim

(Sandra Aymone. Fundação Educar DPaschoal)

Como assim, um livro que não tinha fim? Se é livro tem fim...

Tem alguma coisa errada aí, não é? Mas se você ler *O livro que não tinha fim*, você vai entender muito bem a situação do senhor Livro que foi jogado fora porque suas últimas páginas estavam em branco. E ele foi logo para o lixo. Desperdício. Se tivesse fim poderia ter ido para uma biblioteca. E agora, o que fazer?

Agora fez mais sentido, não foi? Pois é, o mundo da narrativa tem o poder de inverter a lógica das coisas e à medida em que vamos lendo nos transportamos para uma dimensão em que nosso pensamento lógico abre espaço para a nossa imaginação e situações aparentemente incongruentes tornam-se tranquilamente plausíveis. E como disse, nosso pensamento lógico abre espaço para a imaginação sendo que ele não sai totalmente de cena. Transitamos pela lógica e pela imaginação como se estivéssemos calibrando os pneus de um carro, ajustando nossa percepção em prol de uma coerência própria do mundo da fantasia que passa a fazer sentido. E conseguimos. Isto em função da dimensão cognitiva à qual somos expostos quando ouvimos histórias. Procuramos dar sentido, exercitamos uma matemática mental para acomodar os elementos que a história nos apresenta, damos um foco à nossa percepção, buscamos integrar elementos hipoteticamente, tudo isso para transitarmos confortavelmente neste outro mundo. Falar da dimensão cognitiva, me faz lembrar de uma história que adoro que se chama *Minhas Férias, pula uma linha, parágrafo* de Christiane Gribel. Guilherme é um garoto do 7º ano que se vê diante da tarefa de escrever uma redação de 30 linhas sobre suas férias. *Mas como fazer isso? Como cabem dois meses em 30 linhas? Você percebe que tem aí uma configuração de ideias que elucida a lógica das coisas? E à medida em que você for lendo a história, seu campo perceptivo vai se reconfigurando a cada situação vivida por Guilherme e você passa a absorver e entender os dilemas dele. E no final torce por ele! E ao longo dessa experiência seu pensamento estará sendo estimulado em todas as direções. Ao final, sua capacidade de conhecer terá sido potencializada como se*





você estivesse ido à academia e feito um super aquecimento, com atividade aeróbica e musculação. Da mesma forma que seus músculos, médicos clínicos, endocrinologistas e cardiologistas agradecem pela atividade física, seus neurônios, sua concentração, sua percepção, seu pensamento e sua memória agradecem por recarregar as baterias. Santo remédio, valeu!

Ao escrever sobre a dimensão cognitiva lembrei-me de um livro que adquiri há algum tempo cujo título é *A Cultura do Pensamento na Sala de Aula*. Os autores – TISHMAN, PERKINS & JAY, 1999 – fazem parte da equipe do Projeto Zero¹ da Universidade de Harvard, Pós-graduação em Educação. Eles desenvolvem projetos de pesquisa buscando compreender e ampliar processos de aprendizagem, pensamento e criatividade relacionados a disciplinas das artes, humanas e científicas. Utilizam a Teoria das Inteligências Múltiplas como ponto de partida para os estudos e Howard Gardner também faz parte da equipe. Observe que eles relacionam aprendizagem, pensamento e criatividade. Prato cheio para o universo da narrativa. Mas antes vamos organizar um pouco as coisas. Ao falarem de uma *cultura do pensamento* na sala de aula, os autores buscam apresentar ideias que auxiliem os alunos a resolverem problemas de forma eficaz, tomarem decisões de forma consciente, serem inquisitivos e imaginativos. Consideram o espírito estratégico com ferramenta importante para que possamos organizar nossas ideias e comunicá-las. Curiosidade e construção de hipóteses também são termos que fazem parte deste contexto. Sem dúvidas, estamos transitando por processos mentais que são de base cognitiva. Falar de aspectos cognitivos no desenvolvimento humano significa falar de processos que nos habilitam a absorver informações e armazenar grande quantidade de ideias. Memória, atenção, concentração, processamento da informação são recursos que funcionam como base para um desenvolvimento cognitivo. E é assim que um bom pensar se torna possível, adquirimos uma conduta intelectual produtiva. A Figura 2 sintetiza o fluxo do processo.

¹ www.pzweb.harvard.edu

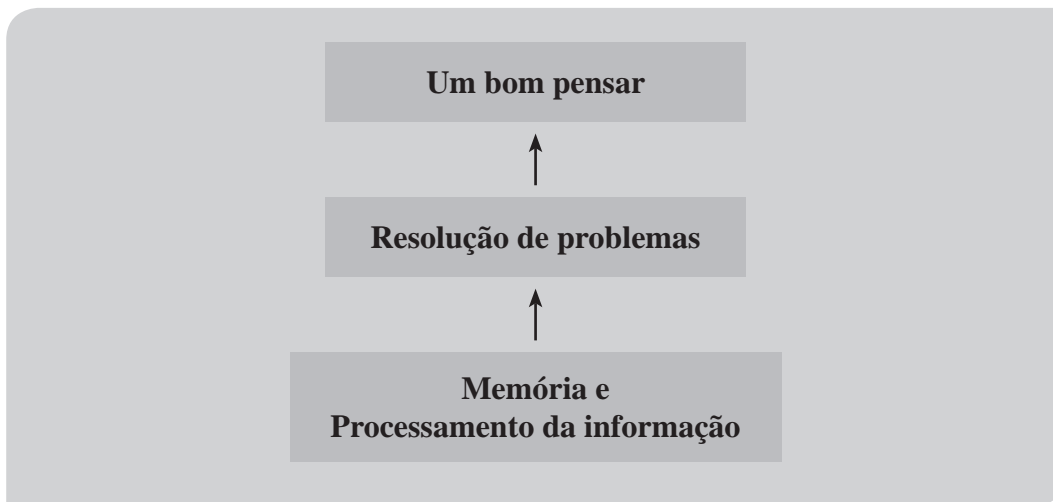


Figura 2: Fluxo de mecanismos cognitivos na formação de um bom pensar.

O processo delineado na Figura 2 coloca em evidência atividades que elucidem a curiosidade dos nossos alunos, que os levem a construir hipóteses para organizar as informações que já dispõem em contraste com as que são novas, exercitando sua atenção seletiva e sua concentração. Desta forma desvendam os “mistérios” das novidades de cada assunto, de cada disciplina, associam ideias, avançam intelectualmente. Tudo isso também acontece quando entram em contato com histórias. Um livro mobiliza mecanismos de processamento de informação de forma integrada por conta da unidade temática que ele apresenta. E além disso as crianças a partir dos 6 anos já estão com sua atenção seletiva em plena ampliação, conseguindo sofisticar a capacidade de direcionar sua atenção e descartar distrações.

Nas histórias que tenho contado percebo que a dimensão cognitiva é fortemente acionada quando utilizo estratégias nas quais os alunos não têm total acesso à informação, existe algo que se coloca “velado”, escondido, que os levará a tentar descobrir ou entender do que se trata. Ou então apresento-lhes algum tipo de código. E nesse momento desvendar este mistério se torna uma resolução de um problema, cuja solução está na busca de um pensamento organizado para que se construa hipóteses cabíveis ao contexto. Veja algumas técnicas no Quadro 2.





Essa história vai dar o que PENSAR

O efeito das caixas

Se você for usar objetos para gerar maior impacto na narrativa com artefatos concretos, coloque-os numa caixa e vá retirando aos poucos enquanto conta. A caixa mobiliza a curiosidade e cada movimento de abri-la o ouvinte estará acionando suas hipóteses: o que será que vai sair da caixa desta vez?

Crie um suspense

Voce tem uma cena em mente para descrever. Não a descreva toda de vez. Faça uma pequena pausa antes de narrar um ponto culminante da história. Pergunte ou comente: Ah... vocês não sabem o que aconteceu... (pausa)... (continuação).

O contador de histórias está confuso

Coloque-se como um narrador confuso com o andamento da história. Pergunte ou comente: Será que é isso mesmo? ... Eu não sabia que.... Que maluquice, onde já se viu.....?

Movimentos como códigos

Determine movimentos que serão sempre os mesmos para determinado personagem ou situação. A partir de determinado momento no andamento da história apenas faça o movimento, como se fosse uma cena muda. Seus ouvintes irão descobrir do que se trata. Por exemplo, a garota Joana sempre se esconde quando vê o palhaço. As situações com palhaço se repetem na história e então você representa apenas a garota se escondendo, sem narrativa. Os ouvintes irão perceber que se ela se escondeu é porque viu um palhaço. O mesmo pode ser feito com efeitos sonoros.

Adereços para o pensamento

Imagine que você está falando de uma mulher que tinha que resolver uma situação e queria ficar sozinha para pensar bastante. Voce pode usar uma lupa para mostrar que ela queria olhar cada detalhe da situação, ver de perto para decidir melhor. Ou então o motorista está na estrada deserta com o pneu do carro furado e de repente teve uma ideia, uma luz. Utilize uma lâmpada para representar o insight do personagem.

Quadro 3: Técnicas para contar histórias reforçando a dimensão cognitiva.

A partir das ideias do Quadro 3 voce irá perceber que esta é uma dimensão na qual objetos compõem bem o contexto, ajudam a despertar a curiosidade dos nossos ouvintes. Caixas podem ser substituídas por sacolas ou mochilas, um óculos também representa a ideia de querer ver melhor determinada situação em substituição a uma lupa. Nos Marcos de Aprendizagem da Língua Portuguesa previsto para o Ciclo I de Aprendizagem, algumas habilidades a serem tabalhadas/desenvolvidas também apontam para a dimensão cognitiva.

Língua Portuguesa – 3º e 4º Anos de escolarização

- Utiliza indicadores para fazer antecipações, inferências e verificações em relação ao conteúdo (sucessão de acontecimentos, paginação do texto, organização tipográfica)
- Utiliza diferentes modalidades de leitura adequadas a diferentes objetivos: ler para revisar, para obter informação rápida, para divertir-se etc.
- Escolhe o que interessa do conteúdo do texto (seleção).
- Levanta hipóteses, antecipa informações com base em certas pistas que o texto oferece / paratexto - palavras que precedem e anunciam o texto: capa, título, ilustração etc. (antecipação).
- Utiliza os conhecimentos prévios e experiências quando lê o texto, facilitando a interpretação e a compreensão das ideias (inferência).
- Confirma, durante a leitura, as informações que antecipou e as suposições que fez (verificação).
- Percebe que várias interpretações de um texto podem ser construídas por leitores diferentes.
- Percebe que pode descobrir o significado de uma palavra desconhecida pelo contexto (ideias que precedem e sucedem à palavra).
- Resumo de histórias ouvidas mantendo a ideia principal.



Quadro 3: Marcos de Aprendizagem no contexto da dimensão cognitiva.

E estes mesmos Marcos podem se tornar também guias para as técnicas que você vai utilizar: como fazer para que num determinado momento meu aluno faça antecipações ou inferências? Como posso fazer para começar de uma forma mais conhecida do meu aluno (conhecimento prévio) e depois parta para algo diferente do que eles estão acostumados?

É possível também utilizar os Marcos como guias para atividades após o primeiro contato dos alunos com a história, aquele em que você a contou para eles. Explorar a sucessão dos acontecimentos, escolher o que interessa do conteúdo do texto, confirmar hipóteses e perceber diferentes opiniões dos colegas a respeito da história são atividades que consolidam a experiência e o contato inicial com a história.

O Livro que não tinha fim é uma história que traz a dimensão cognitiva de forma bem evidente, objetos recicláveis – latinha de refrigerante, embalagem de vidro vazia e uma revista usada – se comovem com o senhor Livro e se dispõem a escrever as páginas finais. Mas como é que se termina um livro, mesmo?

A Semente da Verdade

(Patricia Engel Secco, Fundação Educar DPaschoal)



O pequeno Thai não sabia o que fazer. Durante um ano cultivara milhares de sementes com dedicação e afincos e nenhuma havia brotado. E estava perto do dia em que o imperador escolheria como seu sucessor aquele que tivesse a planta mais linda do reino. Pelo visto não seria Thai. Pelo visto não valeria a pena ir ao encontro com o imperador. Pelo visto...

Que situação, hein? E por sabermos que se trata de uma criança, num reino, um imperador, uma sucessão, algo tão grande para o pequeno e frustrado Thai... já mobilizamos nossas emoções. No meu caso, choro com propaganda de sabão em pó (verdade) e então não será nada difícil me conectar com a dimensão emocional a que somos levados pelas histórias. E além de tudo sabendo que meu filho no 4º Ano participou de uma dramatização desta história na classe e representou o próprio Thai a emoção se torna ainda maior. Para ilustrar a dimensão emocional aqui retratada, gostaria de sugerir a leitura do livro *Viviana- Rainha do Pijama* de Steve Webb. Viviana convida os animais para a festa mundial do pijama através de cartões e bilhetes divertidos. E na festa haverá um concurso para escolherem o pijama mais incrementado! Todos os animais vão e é aquela alegria. E enquanto Viviana tenta organizar o concurso, os animais já haviam decidido quem seria o vencedor. Sabe quem foi? Viviana! Ela era a Rainha do Pijama por proporcionar a todos uma festa tão bacana. Viva Vivi! Já tive a oportunidade de apresentar essa história para professores e sempre digo que é uma história que ajuda muito nos dias de chuva, no dia que um aluno está triste, ou a turma está triste por alguma razão. Essa história aquece o coração, acende fagulhas de sentimento de pertença e reconhecimento pelo que fazemos de bom. Dá vontade de brincar, de sorrir, de se abraçar, nos afagamos e nos fortalecemos pela generosidade do outro. Lindo. Posso mencionar também uma outra história que é uma emoção total. Anote: *A foto oficial* de Walcyr Carrasco, do livro *Este seu olhar*. Já contei esta história para professores, para alunos do 8º Ano em contextos diversos e formas diferentes. Trata-se de uma foto de escola que representa as diferentes fases do amadurecimento da

relação do autor com a sua mãe que certamente toca algum ponto das nossas relações com nossas figuras parentais. Já presenciei choros e suspiros ao contar essa história, minha voz e meus movimentos como instrumento para que *A foto oficial* tocasse o coração das pessoas. Inesquecível.

Emoção. Pausa para nos organizarmos. Afinal de contas, não estamos falando de qualquer coisa, não é mesmo? Vamos nos arrumar na cadeira, melhorar a postura, beber uma água, parece oportuno. E para aqueles que desejam uma leitura específica para assuntos da relação professor-aluno e afetividade, sugiro a leitura de Almeida (1999). A autora nos apresenta a teoria de Henri Wallon centrada na relação entre afetividade e inteligência no desenvolvimento infantil. Atenção especial ao último capítulo no qual a autora discute o papel da emoção no contexto da sala de aula. Cito a autora também porque desde que comecei a articular ideias sobre o impacto e importância de ouvir histórias uso os termos *emoção*, *afetividade* e *sentimento* indistintamente. Todavia, a leitura da autora nos permite conhecer diferenciações feitas por Wallon a respeito. No nosso caso o que quero tornar mais saliente para você é essa ambiência proporcionada pelas histórias que é da ordem do intangível e que afeta nosso estado de espírito, o dos nossos alunos, de todos. No mais, tomo como base esta referência bibliográfica para as considerações a respeito da dimensão emocional presente no ato de ouvir histórias. Inicialmente observe a Figura 3.

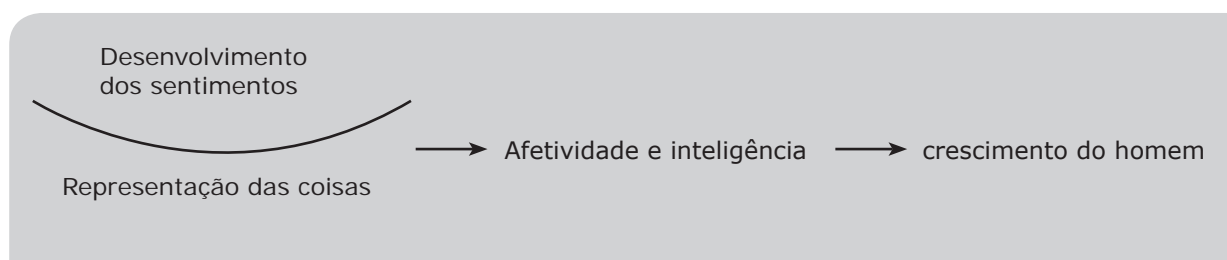


Figura 3: Crescimento humano a partir das representações e dos sentimentos.

Os nossos sentimentos se desenvolvem sustentados, tendo como suporte, a representação que fazemos das coisas nos diversos tipos de interação que desenvolvemos ao longo da nossa vida. E quanto maior a nossa condição de representar o mundo que nos cerca, maior base teremos para nos desenvolvermos afetivamente. Esta conjugação de eventos pode ser considerada a



base para o desenvolvimento da nossa afetividade e inteligência e consequentemente crescermos. Afetividade e inteligência, juntas, complementando-se, participam da condição dos nossos alunos desenvolverem seus conhecimentos e tornarem-se aptos ao convívio social. Histórias são formas de representação das coisas e nesse raciocínio podemos concluir que o uso crescente deste recurso significa um aumento crescente da condição dos nossos alunos de desenvolverem seus sentimentos. Ao fazerem isso estão crescendo de forma integrada no que se refere ao binômio afetividade-inteligência.

Importante também observar que apesar das crianças no período do Ciclo I de Aprendizagem já terem a percepção da emoção e da razão, muitas vezes esta percepção é sentida de forma conflituosa. Observa-se também que nestes casos a criança nem sempre consegue verbalizar seus sentimentos, precisa que alguém ou alguma coisa faça isso por ela. Essa *alguma coisa* pode ser uma história. Já pude observar a expressão facial de crianças, assim como sua movimentação corporal expressando verdadeiro alívio ao ouvirem uma história de um pequeno um (1) que ficava sozinho e nunca achava ninguém que combinasse para brincar com ele. Tentou brincar com vários objetos, formando diferentes quantidades, mas sempre frustrado e sozinho, entristecido porque não dava certo. Até que ao se encontrar com uma simples argola percebe que podem formar um 10 e fica perfeito! O pequeno um, antes sozinho, encontrou companhia. Companhia de verdade. Puxa, que alívio saber que tem horas que as coisas ficam chatas, que não temos os amigos que queremos ter, que parece que nada vai dar certo e isso nos entristece. Isso acontece com outras pessoas também. E que bom que uma história fale isso por mim. Fica mais fácil, traduz meus sentimentos, me acalma, me consola, me conforta, me fortalece.

Pausa novamente. Silêncio. Absorver as palavras, quem sabe lembrar de tantas outras histórias que já falaram por nós. Pausa. Podemos retomar o contexto da nossa sala de aula? O Quadro 2 apresenta algumas ideias para reforçarmos esta dimensão.

Essa história vai dar o que SENTIR

1. Utilize recursos que reforcem uma determinada atmosfera que você queira criar: Uma luz apagada, uma música incidental para momentos de tristeza/suspense/alegria, uma lanterna para reforçar o medo de alguém sendo interrogado pela polícia ou que foi descoberto num esconderijo.
2. Reproduza a fala das personagens ou da própria narrativa enfatizando as emoções em questão: um garoto com raiva porque ficou de castigo, uma garota feliz porque vai para um baile.
3. Associe movimentos a ações de modo a aproximar os alunos da história: se os animais abraçaram Vivi, então vamos todos nos abraçar. Será que foi assim que eles fizeram? As meninas torceram de alegria quando os meninos ganharam o campeonato de futebol. Como é que a gente faz quando está alegre assim?
4. Faça movimentos para compor uma cena. Sua linguagem não-verbal poderá lhe auxiliar na demarcação de emoções ao longo da história. Fique agachado todo encolhido ao falar de um garoto muito tímido que tinha medo de gente grande. Ou então recoste-se na carteira como se estivesse tomando sol ao falar de um rapaz que estava de férias e foi tomar um sol. Ao compor a cena com seus movimentos os alunos terão melhor visão da narrativa, o sentido torna-se mais explícito e auxilia na atenção deles.
5. Descreva ações do personagem que reflitam seu estado emocional. Ao mencionar que Tia Vera estava nervosa, descreva o "nervosa": *andava de um lado para o outro, a mão na testa franzida, o coração palpitando, dizendo "eu sabia que isso não ia dar certo!"*.



Quadro 5: Técnicas para contar histórias reforçando aspectos emocionais.

Voce também poderá se basear nos Marcos de Aprendizagem da Língua Portuguesa previstos para o Ciclo I de Aprendizagem para ampliar a dimensão emocional. Transcrevo no Quadro 6 algumas das competências/habilidades previstas.

Língua Portuguesa – 4º e 5º Anos de escolarização

- Lê um texto como pretexto para outras atividades: dramatização, ilustração de uma história.
- Lê oralmente textos narrativos utilizando elementos linguísticos e não linguísticos para imprimir significado e expressividade ao texto.
- Escolhe o que interessa do conteúdo do texto.

Quadro 6: Marcos de aprendizagem associáveis à dimensão emocional.



A dramatização de uma história remete à construção dos personagens, o ensaio das falas e entonação dos alunos e com isso a dimensão emocional permeia todo o processo. Considere a possibilidade de dramatizar uma cena ou uma sequência da história na sala, sem necessidade de muita “produção”. Uma oportunidade de fazer uma cena, como se os alunos fossem atores numa oficina de preparação de elenco. Nada muito rebuscado, o foco é o contato do aluno com aquele conteúdo elucidado pela história.

Solicitar que os alunos que ilustrem uma história também nos permite identificar passagens com as quais eles se identificam e essa identificação não é aleatória, remete aos diversos significados que lhe passam pela mente enquanto desenha. Caso os alunos representem diferentes momentos das histórias, você poderá usar as ilustrações como recurso visual para novos momentos em que contar a mesma história ou reconta-la para o grupo.

E nesse clima de emoção percebo que é hora de seguir em frente, preparar-se para a aula, toda a sequência de planejamento e horários que bem conhecemos. Ainda lhe peço mais um pouco de sua atenção. Não poderia deixar de mencionar algumas recomendações relacionadas à sua preparação para contar histórias. Atualmente existem muitas publicações relacionadas ao tema. Utilizo Dohme (2000), Mellon (2006) e Matos & Sorsy (2005) para lhe dar algumas recomendações, e posso lhe dizer que a cada visita a livrarias virtuais que faço identifico novos títulos que com certeza aumentariam bastante a nossa lista. Tendo a oportunidade, numa livraria ou num site, vale a pena conferir.

Preparando-se para contar histórias

✓ **Estude a história**

Faça anotações, pequenos esquemas com sequência de ações, sua memória precisa de apoio principalmente para as histórias novas do seu repertório. Observe o foco a ser dado, considerando-se as dimensões apresentadas e organize antecipadamente quais serão seus movimentos, pausas, efeitos outros.

✓ **Assimile a história**

Estudar a história significa organizá-la em termos concretos. Todavia, esse estudo não elimina a condição de que a história seja assimilada por você, processada no interior de si mesmo identificando-se com as situações apresentadas, empatia com os personagens, associando a história a experiências pessoais. Ajudará você a imprimir um estilo próprio para contar a história.

✓ **Aqueça sua voz**

O aquecimento da sua voz significa cuidar de você frente a uma atividade que irá demandar uma entrega diferenciada sua em aula. As interações enquanto contamos histórias podem ser intensas. Comer uma maçã para limpar as cordas vocais, hidratar-se com pequenos goles de água, praticar sons tipo "humming" por alguns 08 a 10 minutos antes da atividade farão a diferença.

✓ **Prepare seus ouvintes**

Da mesma forma que no cinema as luzes se apagam vagarosamente e que no teatro ouvimos a sirene antes do espetáculo começar, seus ouvintes precisam ser sinalizados. A história vai começar, estamos saindo do mundo real, ou a história terminou, estamos voltando para o mundo real. Para começar você pode usar, por exemplo, um instrumento musical ou dizer uma parlenda, respirar pausadamente e de olhos fechados, procurar o livro para que possa conta-lo. Para finalizar você pode pegar o livro e fechá-lo despedindo-se, encerrar enfaticamente com um movimento mais brusco, uma fala de efeito, falar um provérbio. As possibilidades são inúmeras.

✓ **Encontre seu adereço**

Contar histórias não requer nenhuma indumentária específica ou alguma fantasia que represente um personagem. Contudo, um adereço compõe seu papel como contador de histórias. Talvez um chapéu/boné que você coloca quando vai começar? Uma echarpe? Um casaco? Um avental? Colocar o adereço no começo e retirar no final também ajuda a sinalizar o começo e o fim da história para seus ouvintes.

Quadro 7: Preparação para contar histórias a partir de Dohme (2000), Mellon (2006) e Matos & Sorsy (2005)

Sempre que estou com um novo livro em mãos costumo fazer uma leitura bem livre da história e deixar que ela me guie. Tem funcionado. Permito-me reações espontâneas enquanto leitora e vou associando minhas ideias livremente. Acho difícil saber como contar a história antes de conhece-la. Posso saber de várias técnicas, mas é a história que vai me dizer quais técnicas usar e nesse sentido acredito que primeiro eu assimilo a história para depois





estudá-la. Aí então faço anotações de palavras-chave ou sentenças curtas que servem como guia para o enredo e minha memória. Vou lendo e relendo, depois vou inserindo movimentos e o processo vai tomando forma. O hábito de aquecer a voz foi no início um desafio, costumava esquecer ou então achava desnecessário, mas com o tempo tem se tornado uma forma de me concentrar, sintonizar-me com o que está por vir. Acho que o ritual de iniciar e finalizar a história são fundamentais para demarcar a riqueza do momento, e com relação ao adereço, normalmente utilizo um avental. Para ocasiões mais especiais tenho alguns vestidos rodados que eu mesma desenhei, que ampliam meus movimentos criando uma atmosfera de leveza. No começo sabia claramente que o figurino de um contador de histórias não precisa ser uma fantasia ou o figurino do personagem principal da história. Contar uma história é diferente de representá-la. O contador dispõe de mecanismos para narrar a história, ele está ali para contá-la, sendo por si só um personagem à parte. Isso facilita muito as coisas quando o assunto é incorporar a contação de histórias nas aulas. Já pensou, uma super produção todo dia? Não é necessário. Não é disso que nossos ouvintes precisam. Eles querem *ouvir* você.

E também não é necessário nenhum curso de artes cênicas para contarmos histórias. Sou psicóloga, mais recentemente iniciei uma graduação em Letras com Licenciatura em Inglês e a primeira história que contei foi *Winnie the Witch*, de Korcky Paul e Valerie Thomas, com a intenção de realizar uma atividade de *Halloween* na biblioteca de um centro binacional onde trabalhava, em 2003. No ano seguinte todos me perguntavam se teria *Winnie* de novo, grande expectativa, para a minha surpresa. E eu havia contado sem nenhuma preparação especial, pode acreditar. Depois disso foram novas sessões de histórias, a produção e direção de dois espetáculos infantis eminentemente narrativos, e quando me perguntaram se eu fazia em português também, não parei mais. Ao longo da trajetória optei por algumas oficinas de teatro voltadas para o ator contador de histórias, mas nada decisivo para o percurso que tenho feito. E vejo também que contar histórias tem me proporcionado um grande aprendizado com relação à flexibilidade. Adaptar-me a diferentes espaços, durações, recursos, ouvintes, e perceber o poder da narrativa sobre todos nós. Sempre será possível, de um jeito ou de outro. O efeito está lá. A arte das palavras está para além do que idealizamos, e admiro o ofício do escritor, a sensibilidade do ilustrador. Eles conseguem captar e expressar tanta coisa que nos diz respeito enquanto seres humanos, que bom ter acesso a tudo isso.. E é igualmente enriquecedor ter acesso aos títulos da Fundação Educar que inspiraram a forma como organizei este material para você. Buscando ampliar

as possibilidades de utilização deste material, apresento na seção ANEXOS novas ideias de atividades e abordagens para cada um dos títulos. Propostas simples, fáceis de inserir no cotidiano das aulas e que podem ser o ponto de partida para projetos e apresentações. Vale a pena lembrar, contudo, que as possibilidades para contarmos histórias são inúmeras. A cada sessão ou grupo, identificamos novas formas de fazer um movimento, de interagir com os alunos, obtemos uma reação inesperada dos nossos ouvintes, no nosso dia-a-dia temos acesso a novos recursos – um elemento cênico que identificamos num show que assistimos, uma música sugestiva de uma trilha sonora de algum filme que gostamos, por exemplo - e com isso seguimos adiante com nosso repertório em constante atualização. Bom proveito!

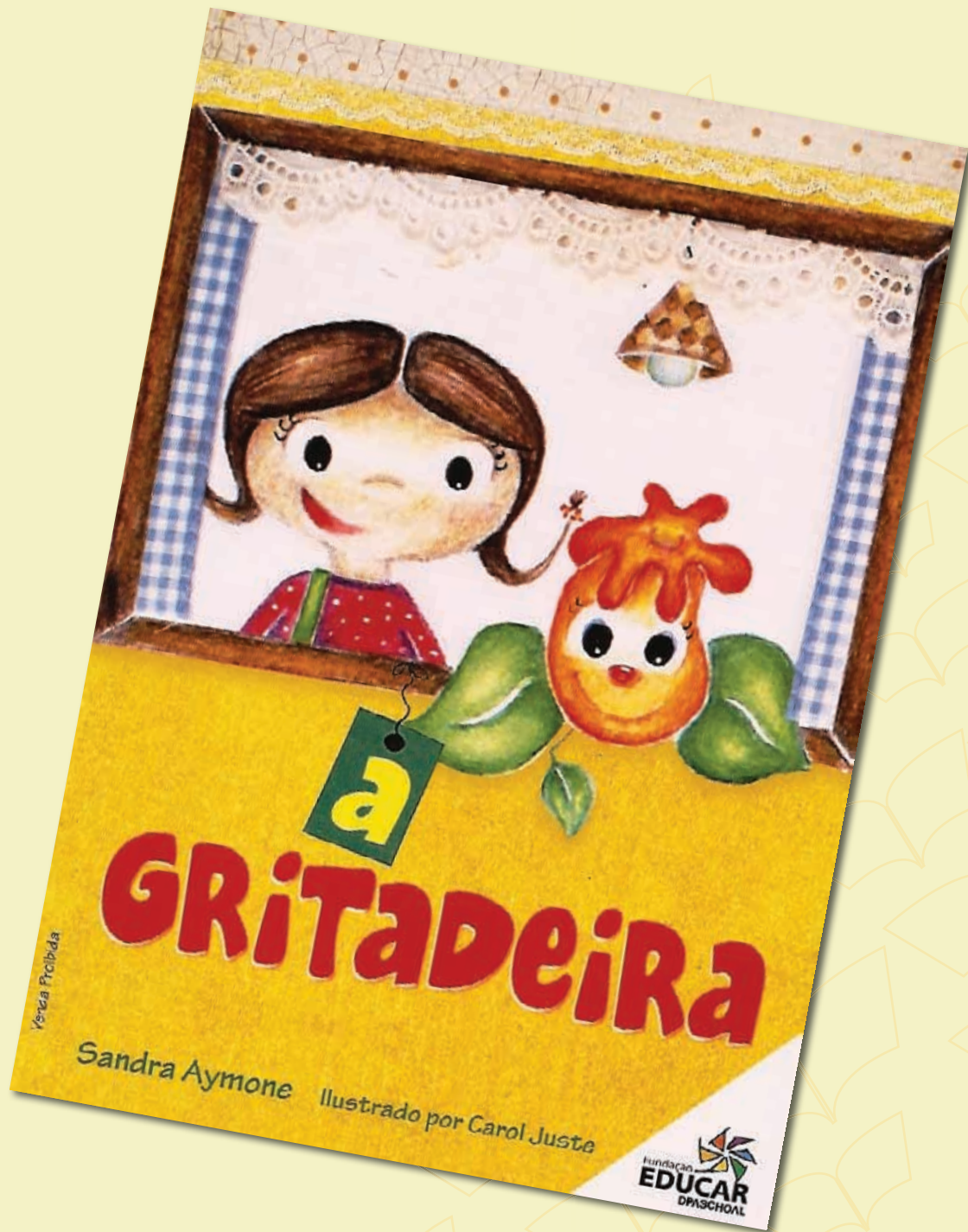
E depois de tudo isso continuo imaginando como você é, quantas histórias terá contado e que guarda no peito e na sua memória até hoje. Adoraria ouvi-las.

Um forte abraço,
Silvia Teles.

Material de pesquisa

- ALMEIDA, Ana Rita Silva. *A emoção na sala de aula*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1999.
- AYMONE, Sandra. *A Gritadeira*. Campinas: Fundação Educar DPaschoal, 2009.
- _____. *O livro que não tinha fim*. Campinas: Fundação Educar DPaschoal, 2009.
- CASTELLO, José. Castello. (Org.) *Clarice Lispector – Clarice na cabeceira: romances*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- DOHME, Vania. *Técnicas de contar histórias*. São Paulo: Informal Editora, 2000.
- GIORDANO, Alessandra. *Contar histórias – um recurso terapêutico de transformação e cura*. São Paulo: Artes Médicas, 2007.
- LISBOA, Márcia. *Para Contar Histórias – Teoria e Prática: narrativa, dramatização, música e projetos*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.
- MARINHO, Jorge Miguel. *A convite das palavras – motivações para ler, escrever e criar – 1ª ed* – São Paulo: Biruta, 2009.
- MATOS, Gislayne, SORSY, Inno. *O Ofício do contador de histórias*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- MELLON, Nancy. *A arte de contar histórias*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- PAPALIA, Diane E., OLDS, Sally Wendkos, FELDMAN, Ruth Duskin. *O Mundo da Criança: da infância à adolescência -11.ed* – São Paulo: McGraw-Hill, 2009.
- PAUL, Korky, THOMAS, Valerie. *Winnie the Witch*. Oxford: Oxford University Press, 1995.
- RAND, Ann. *Pequeno 1*. São Paulo: Cosacnaify, 2007.
- RIBEIRO, Jonas. *Colcha de leituras: ensaios para unir amores e alinhar leitores*. São Paulo: Mundo Mirim, 2009.
- ROCHA, Ruth. *Bom dia todas as cores!*. São Paulo: Quinteto Editorial, 1998.
- SECCO, Patricia Engel. *A semente da Verdade: um conto folclórico sobre ética e honestidade*. Campinas: Fundação Educar DPaschoal, 2009
- SECULT – Secretaria Municipal de Educação e Cultura, Esporte e Lazer, CENAP – Coordenadoria de Ensino e Apoio Pedagógico. *Marcos de Aprendizagem – Língua Portuguesa – Ciclo de Aprendizagem I – 1º ao 5º Ano de Escolarização*.
- TISHMAN, Shari, PERKINS, David, JAY, Eileen. *A Cultura do Pensamento na Sala de Aula*. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- ZILBERMAN, Regina (Org.). *Este seu olhar*. 1. ed. – São Paulo: Moderna, 2006.





A gritadeira

Autora – Sandra Aymone

1. Converse com o professor de Ciências. Essa história poderá ser a atividade inicial para uma atividade comum das duas disciplinas, voltada para Proteção Ambiental/Consumo Consciente.

2. Preparação da história:

a) Separe gravuras:

- Sacola
- Embalagem
- Cascas e talos de legumes
- Aparelho de som
- Luz acesa
- Geladeira (fechada ou aberta)

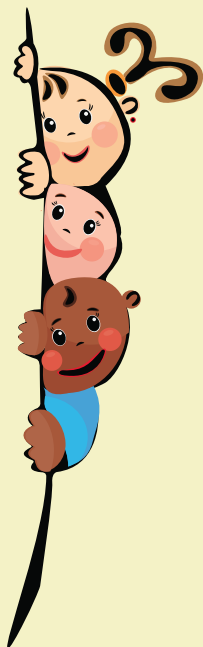
b) Escolha a sua plantinha – personagem central da história. Ela será seu “mascote” durante a história e depois também. Durante a história insira sua plantinha na narrativa como se fosse a personagem da história.

c) Leve um rolo de fita crepe para a sala.

d) Em sala, à medida em que for contando a história, prenda as gravuras no quadro com a fita crepe. Ao final o quadro estará transformado num quadro multi-coisas e os alunos terão uma visão clara da sequência dos conselhos que a plantinha deu a Paulinha. Quando terminar a história você terá no quadro a possibilidade de explorar a compreensão dos alunos apontando para determinada gravura e solicitando que eles relatem aquela parte da história.

e) Veja as sugestões de montagem de um cineminha (Anexo IV) e um palquinho de papelão (Anexo V). São formatos também aplicáveis a **A Gritadeira**.





3. Depois da história será bem-vindo:

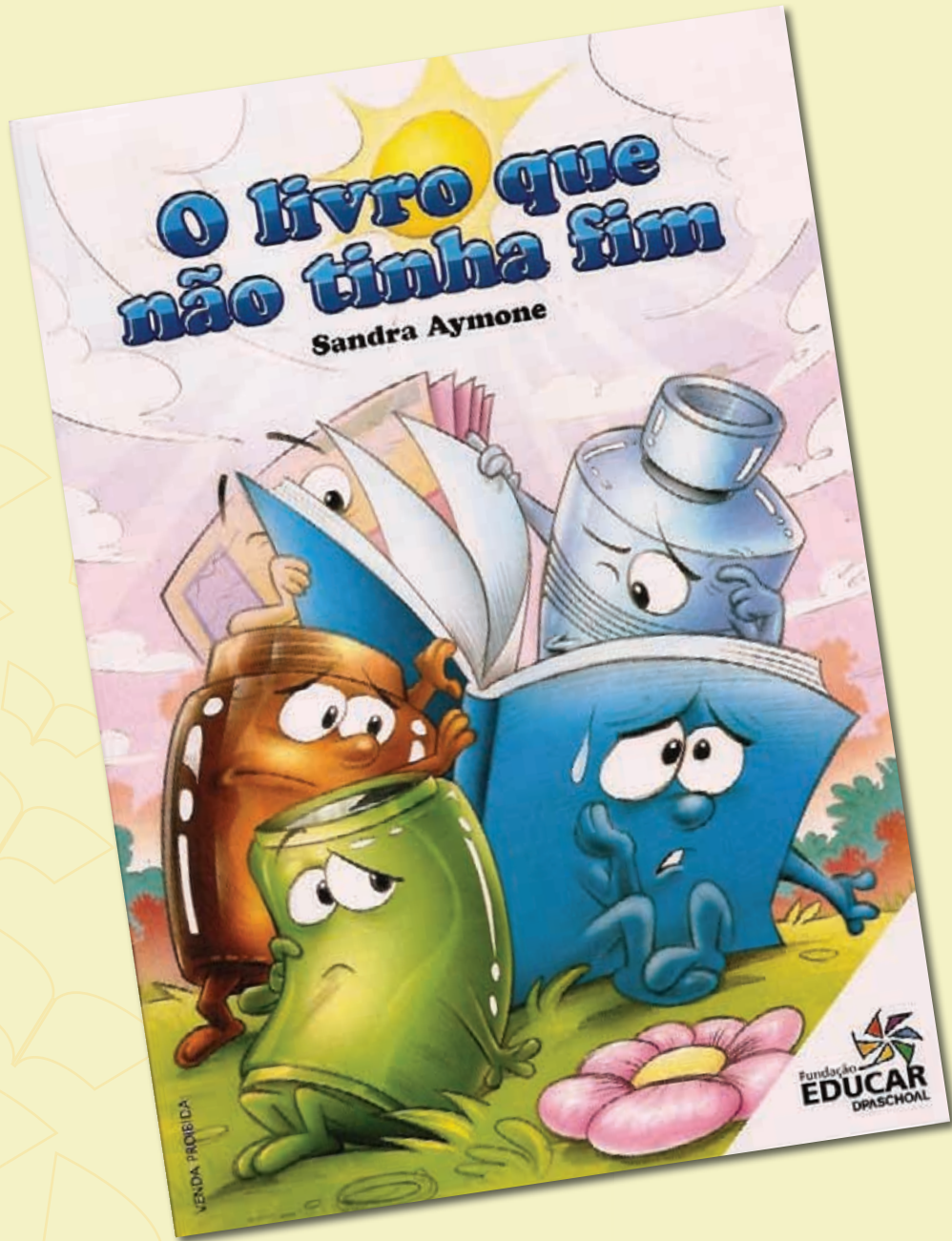
- Os alunos entrevistarem pessoas para saberem se fazem um consumo consciente das coisas. Depois das entrevistas a turma faz um cartaz com gravuras e informações sobre o que eles aprenderam com a história e as entrevistas. Estas informações podem também se tornar um “jornal de notícias” onde os alunos apresentam suas conclusões para turmas de séries anteriores. E vale fazer de verdade: os jornalistas, “microfones”, ensaiar a apresentação, assistir a programas de notícias para ver como é e fazer bem bacana! Ah...! Fotos e mais fotos do evento!
- Um passeio para as crianças conhecerem formas de cultivo de plantas e fazerem registros diversos.

Outro passeio:

conhecer centros de coleta e reciclagem de materiais.

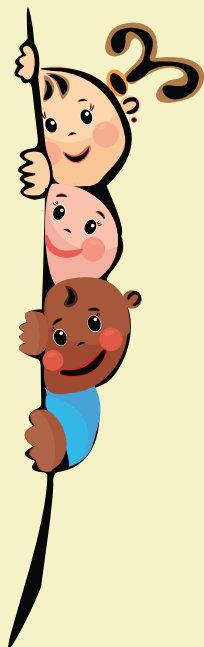
O livro que não tinha fim

Sandra Aymone



O livro que não tinha fim

Autora – Sandra Aymone



1. **A temática** de *O livro que não tinha fim* se aproxima bastante daquela apresentada em *A Gritadeira*. A diferença é que nesta história os objetos recicláveis ganham vida e direcionam o enredo, sendo acrescentado também o tema do aquecimento global. Assim, pode-se articular também trabalhos conjuntos com Ciências e/ou outras disciplinas que estejam inseridas no temas da história.

2. Para contar a história:

- Separe e coloque numa caixa:
- Uma garrafa plástica
- Um livro (que possa ficar com as últimas páginas “ferradas” com um papel branco, dando a entender que ele não termina. O papel branco pode ser preso com um pequeno clips e depois removido com facilidade)
- Uma latinha de refrigerante.
- Um pote de vidro de doce de leite ou geléia vazio.
- Uma revista usada.
- Uma figura de um vaga-lume ou uma representação de um vaga-lume como brinquedo infantil.

a) Separe uma gravura para cada item abaixo que represente:

- Ações de plantio de árvores.
- Pneu.
- Evitar fogo no mato.
- Evitar queima de plásticos.
- Evitar o uso excessivo do carro.
- Bicicleta.
- Ônibus.
- Etanol e biodiesel.
- Economia de água.
- Reciclar o lixo.
- Economizar energia.
- Reduzir, Reutilizar, Reciclar e Racionalizar.

b) Em sala:

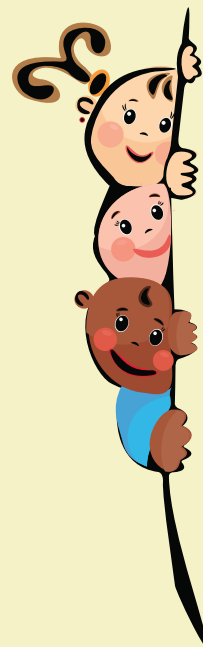
Entre com a caixa tampada, se possível. Vai atrair a atenção dos alunos. Mantenha as objetos na caixa e à medida em que for contando retire o respectivo objeto que representa o personagem a ser inserido na narrativa. Você poderá antecipar com os alunos qual objeto será o próximo a ser retirado, dar “dicas” sobre a função do objeto, estimular a curiosidade deles. À medida em que for apresentando a lista do que fazer para ajudar o planeta Terra, mostre e prenda as gravuras no Quadro. Enumere as figuras de acordo com a sequência apresentada na história. São 09 no total e ajudará a manter o foco dos alunos.

c) Veja as sugestões de montagem de um cineminha (Anexo IV), um palquinho de papelão (Anexo V) e um cenário de bonecos (Anexo VI).

3. Depois da história será bem-vindo:

- Uma visita a uma biblioteca para conhecer formas de doação e preservação dos livros.
- Uma visita a centros de coleta e reciclagem de lixo.
- A turma criar um jornal de notícias (Parte II): de forma similar à proposta em **A Gritadeira**, os alunos observam jornais de notícias em canais de televisão e criam o seu próprio para ser apresentado a alunos de outras turmas, preferencialmente mais novos. Cuidado apenas para não repetir com a mesma turma que fizer o jornal para **A Gritadeira**. Sugerimos que sejam jornais de turmas/séries diferentes.

Outra possibilidade: a partir das duas histórias é montado um evento – *9 passos para um planeta melhor* – relacionado à proteção ambiental e os dois jornais de notícias fazem parte do evento. O efeito será bem significativo e autêntico para os alunos, o que naturalmente estimula a participação de todos. E nesse caso a história será material de consulta para a montagem do programa. Desta forma os alunos irão manusear o livro de diversas formas, reforçando suas representações sobre o tema, estimulando o papel de leitores ativos.



Patricia Engel Secco

A Semente da Verdade

Um conto folclórico oriental sobre ética e honestidade



VENDA PROIBIDA

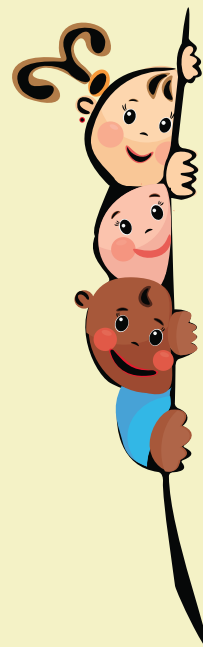
Fundação
EDUCAR
DRASCHOAL

A semente da verdade

Autora – Patrícia Engel Secco

Além dos pontos apresentados sobre a dimensão emocional à qual a **Semente da Verdade** nos remete, trata-se também de uma história que faz referências à passagem do tempo e às figuras adultas e de autoridade percebidas pela criança. Desta forma:

- 1. Comece** contando a história num determinado ponto da sala, vá caminhando à medida em que a história avança, pare em determinadas passagens e prossiga dessa forma dando a ideia de movimento que por sua vez representa o tempo. Ou seja, você vai começar num local da sala e terminar em outro. Reorganize a disposição das carteiras se necessário, permita que os alunos possa ir “se virando” para te ver, à medida em que você caminha no espaço.
- 2. Adereços:** como as figuras adultas são referência importante para o pequeno Thai, usar algum adereço reforçará a importância desses personagens. Observe a ilustração e observe que tanto o avô quanto o imperador usam uma vestimenta bem farta e imponente. A diferença entre os dois está no chapéu e na espada do imperador. Assim, um lençol poderá muito bem se tornar uma manta de estilo oriental, um cabo pequeno de uma vassoura poderá ser uma espada presa num cinto. Coloque esses adereços quando narrar a fala destes personagens, terá um forte impacto para os alunos. Eles podem achar os adereços engraçados, até desconcentrar um pouco, mas aos poucos esta vestimenta vai ganhando força e dando densidade à história. Leve os adereços com você à medida em que avança no espaço.

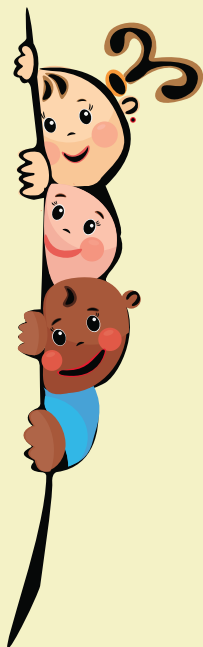


3. Se preferir:

Monte um cenário de bonecos (Anexo VI) ou apresente a história no formato de radionovela (Anexo VII).

4. Depois da história:

- a) Organize uma dramatização da história com sua turma. Veja algumas orientações sobre dramatizações no Anexo VIII.
- b) Desenvolva atividades para os alunos conhecerem um pouco mais sobre a cultura oriental: os costumes, as festividades, o calendário etc. Faça contrastes com a nossa cultura.
- c) Ainda na perspectiva emocional, **A Semente da Verdade** pode ser o ponto de partida para uma atividade de registros de boas ações do grupo. Que tal estimular seu grupo a desenvolver boas ações e se tornar um bom modelo de convivência? Nossa proposta: semanalmente vocês farão um registro de algo bacana – uma ajuda, uma explicação, uma resolução de conflito, uma sugestão - que o grupo fez para a escola, para algum aluno, algum professor, dentre outros. Você pode, por exemplo, montar um cartaz com o título **As coisas podem dar certo quando...** e semanalmente fazer algum registro de uma ação do grupo que represente algo que, feito daquele jeito, permite que as coisas deem certo. Com o tempo o cartaz vai se tornar uma importante referência para reflexões e fortalecimento do grupo.



Outras contribuições

Construindo um Cineminha

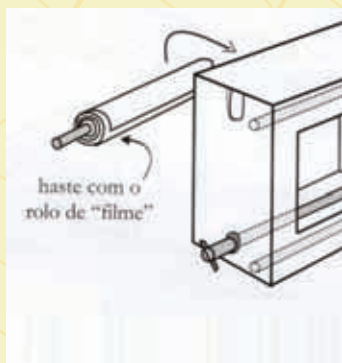
Ideia adaptada e imagens extraídas de Dohme, 2000.



Este é um ótimo recurso para aquelas histórias bem ilustradas. Os autores recomendam que cópias coloridas sejam feitas e organizadas no formato de cinema. Observe os desenhos.

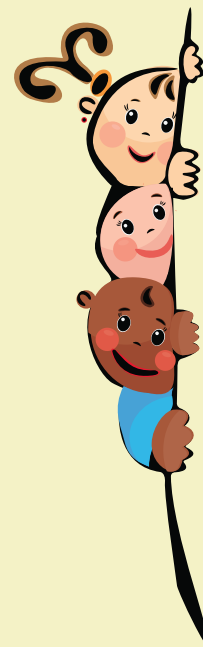
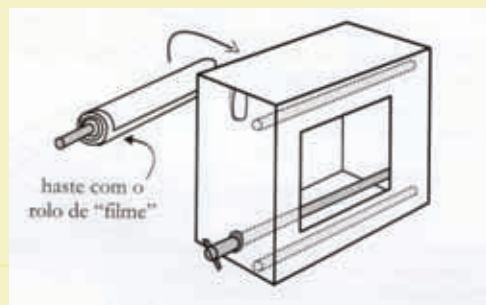
1. Este é o "rolo" do seu filme. As imagens na sequência

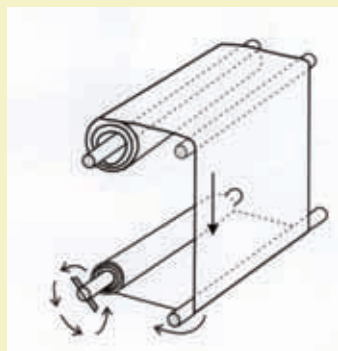
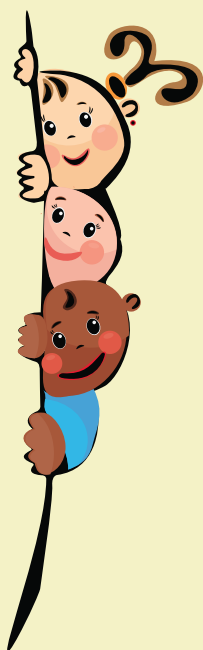
E elementos textuais associados à linguagem do cinema.



2. **Para montar a tela do cinema**, recorte uma caixa de papelão conforme o desenho ao lado considerando as medidas a partir das hastes que você vai usar para rolar as cenas do filme. O mecanismo é igual àqueles suportes de papel toalha para cozinha.

3. **Observe** uma segunda haste colocada Atrás da haste inferior. Ela será a base para você "puxar" as cenas do filme que descerão a partir do rolo colocado na haste superior.





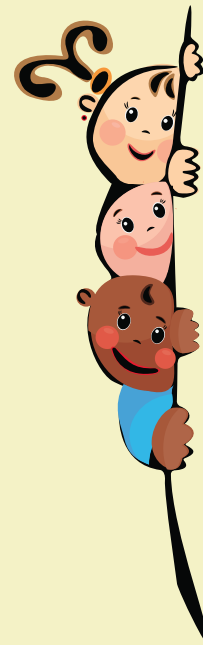
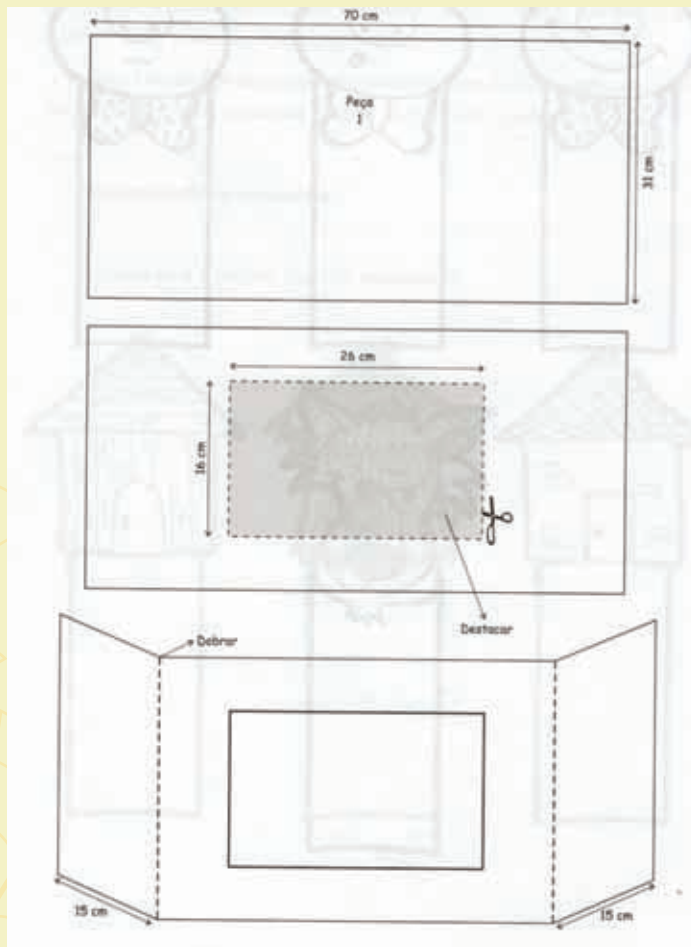
4. **Observe** o modelo do funcionamento das hastes com o rolo em movimento descendente.

5. **Decore sua** caixa como preferir e boa diversão!



Construindo um Palquinho de Papelão

Texto adaptado e imagens retiradas de Lisboa, 2010.

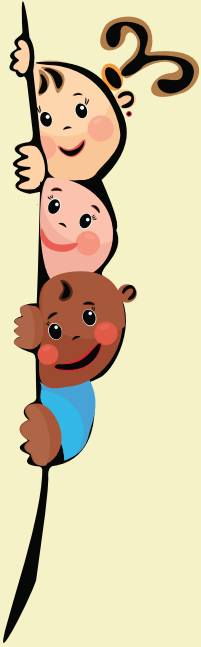


O desenho ao lado representa um modelo de painel que poderá ser construído com papelão. Tem uma função bem próxima do Cineminha sendo que a apresentação das imagens tem uma movimentação diferente da que é proposta no cineminha.

Amplie as imagens da história, cole-as numa superfície mais firme como o papel duplex e prenda-as numa haste para que você possa segurá-las melhor. Um palito de picolé ou de churrasco servem como haste.

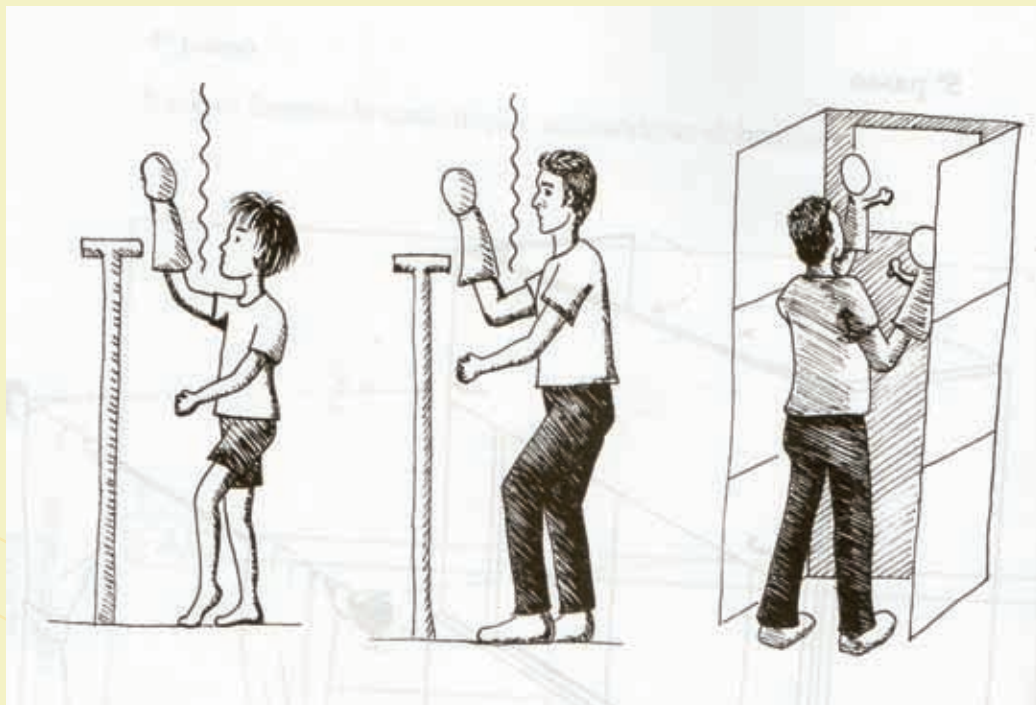
Suas imagens serão projetadas aqui

E você pode também decorar o seu painel num tema neutro, que sirva para qualquer história ou então optar por uma decoração que seja alusiva à história. Mãos à obra!



Construindo um Cenário de Bonecos

Imagem retirada de Lisboa, 2010.



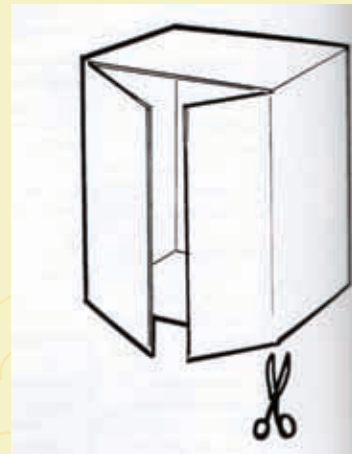
A partir da imagem acima pode-se perceber que o efeito de um cenário de bonecos pode ser alcançado de forma bem simples. A partir de uma bancada e algum tipo de tecido que isole a imagem do contador de histórias as crianças rapidamente se transportam para a magia da narrativa. Em casos onde a bancada não é muito alta, alguns contadores optam por manusear os bonecos ficando ajoelhados, pois assim não são vistos. O único desconforto é que se a história for longa os braços poderão cansar mais rápido!

Outra opção é colar partes de caixa de papelão numa altura em que o contador possa ficar de pé e mostrar os bonecos enquanto narra. Efeito garantido.

Conduzindo uma Radionovela

Imagens retiradas de Dohme, 2000.

A partir de uma caixa de papelão você também pode construir um efeito bem à moda antiga para contar histórias. Observe a caixa ao lado e a indicação de que corte as tampas. Este será o local onde o locutor irá narrar a história.

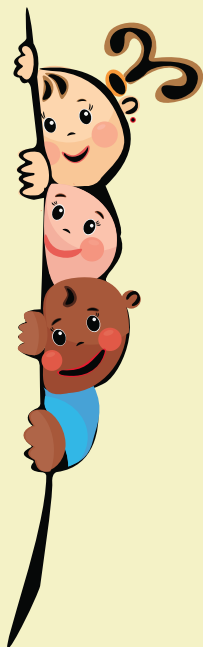
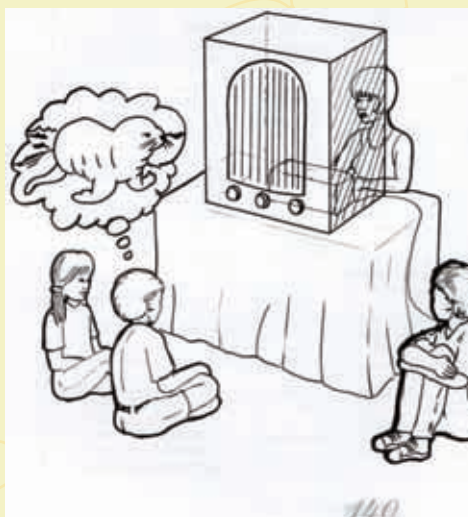


A figura abaixo representa bem o efeito proposto com a radionovela. O desenho alusivo aos rádios da década de 30, o clima aconchegante para ouvir o rádio. O recurso da radionovela pode ser um grande potencializador de histórias em que você queira inserir efeitos sonoros e músicas sugestivas de emoções como alegria, medo, expectativa, suspense. Para isso você vai precisar de:

- um equipamento de som ao seu lado,
- saídas de som disponíveis e também
- um apoio para instrumentos musicais que você também pretenda utilizar.

Escolha uma caixa larga o suficiente para você se movimentar confortavelmente nos "bastidores" da locução.

Quem sabe uma sessão também para adultos numa Reunião de Pais?



Preparação para Dramatizações

Adaptado de Lisboa, 2010.

1. Leitura do texto:

Esta é o primeiro passo para a dramatização no qual o texto é apenas lido e essa leitura permitirá que os alunos identifiquem sentidos, intenções e detalhes da história e dos personagens. O texto a ser lido deverá respeitar o nível de leitura dos alunos.

2. Identificando o assunto da peça:

Peça ajuda ao grupo e anote as sugestões. Construa um resumo de três ou quatro linhas.

3. Identificando o tema da história:

Converse com o grupo: qual a "moral" da história? Qual a mensagem principal que acompanha todo o texto? Ao final das ideias e percepções, qual o tema mais forte do grupo?

4. Escolha dos personagens:

Leia o texto com o grupo sem muitas formalidades, leitura simples. Permita que os alunos experimentem diferentes papéis, observe com qual se identificaram. Essa escolha deve fluir naturalmente.

5. Divisão do texto:

Divida o texto em cenas. Alguns critérios:

- Considerar o movimento de personagens. A cada saída ou entrada de personagem se define uma nova cena.
- Mudança clara de assunto. Mudando o tema, muda-se a cena.

Nomeie as cenas envolvendo o grupo para analisa-las e juntos chegarem a um título.

Proponha uma nova leitura do texto com o grupo onde os alunos podem inserir algumas intenções inspirados pelos personagens que representam.

6. Exercitando as cenas pela improvisação:

Revise o título da cena com os alunos e peça que eles façam um resumo da mesma.



Os alunos então representam a cena improvisando, baseados no título e resumo da cena.

Conduza as cenas pela improvisação com todo o grupo.

Quando os alunos estiverem seguros na improvisação repasse a encenação de todo o texto ainda pela improvisação para que os alunos adquiram uma visão de conjunto da peça.

A improvisação deve ocorrer várias vezes e a váacrescentando elementos da dramatização aos poucos: algum adereço, recurso sonoro, objeto.

7. Decorando o texto:

Após muitos exercícios de improviso, decorar o texto torna-se tarefa mais fácil para o grupo. É hora de rever o texto e o grupo se ajudar a lembrar dos detalhes das falas.

8. Organizando as cenas:

Faça marcações das posições de personagens no espaço. Nessa fase, figurino, cenário e adereços já deverão estar prontos. Se houver música, luz ou efeitos especiais, verifique se eles serão usados como marcação do movimentos de personagens. Ensaie com os alunos.

9. Ensaiar, ensaiar, ensaiar:

Neste estágio você já está com tudo praticamente pronto. Os ensaio finais servirão para memorizações finais das falas assim como ambientação com uso do figurino e movimentação no cenário articulada com som e luz. Aplausos na grande estreia!

